

O CONCEITO DE NOBREZA EM DANTE

Marzia Terenzi Vicentini*

Em se tratando de um autor como Dante, parece impossível definir um tema que já não tenha sido amplamente discutido na imensa literatura crítica que existe, desde séculos, sobre esse grande clássico e que reúne nomes de grandes e importantes pensadores, antigos, modernos e contemporâneos. E, realmente, ao apresentar esse tema, não se tem a pretensão de mostrar questões novas, originais, reveladoras de aspectos pouco conhecidos da obra de Dante, mas tão-somente de apontar, numa perspectiva de compreensão unitária, algumas linhas de reflexão teórica que têm surgido nos exercícios de leitura dos textos do poeta. A obra de um grande clássico, por definição, tem o grande mérito de não deixar nunca seus leitores tranqüilos em suas aquisições críticas e de solicitar, a cada leitura e fruição estética, novas indagações teóricas.

De fato, ao aprofundar o estudo e o conhecimento de Dante, percebe-se, cada vez mais, a dificuldade de fazer convergir para uma única perspectiva teórica a multiplicidade, até aparentemente contraditória, dos aspectos presentes na obra desse grande poeta, que, normalmente, é vista como manifestação de um conflito entre o rigor doutrinário do poeta cristão e sua veemente inspiração poética. Diante dessa dificuldade, o estudo do conceito de nobreza, formulado por Dante em diferentes momentos do seu itinerário poético e teórico, tem mostrado como tal conceitualização é relevante para, se não chegar a uma suposta gênese unitária do seu pensamento, ao menos detectar o núcleo primor-

* Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – UFPR.

dial em torno do qual se movem as questões, inquietações, expectativas que têm dado vida à fantástica criação artística desse poeta que tanto nos fascina.

É na definição de um novo conceito de nobreza, com efeito, que Dante, por um lado, expressa sua decidida oposição ao mundo feudal, que continua criando obstáculos às novas relações sociais que se criaram nas Comunas, e, por outro, dá a conhecer a sua profunda aversão à crescente consolidação mercantil dessas mesmas relações. E é nessa definição ainda que se esclarecem, progressivamente, as teorias políticas e os pressupostos filosóficos que, como se pode verificar, subjazem às experiências poéticas das diferentes fases de sua vida.

Dante expõe sua primeira definição de nobreza nos poemas da juventude, compostos no seio daquele movimento poético que, por sua própria e posterior denominação, foi chamado de *Dolce Stil Novo*. O soneto X da *Vita Nuova* inicia com tal enunciação:

*Amore e 'l cor gentil sono una cosa,
sì come il saggio in suo dittare pone,
e così esser l'un senza l'altro osa
com'alma razional sanza ragione.*

São uma coisa só o coração
gentil e o Amor, como declara
o sábio: um sem o outro é coisa rara,
como a alma racional sem a razão.

(Trad. de Décio Pignatari. Alighieri, 1990, p. 41.)

E para a justa compreensão dessa afirmação talvez não seja inútil lembrar que o adjetivo *gentil*, diferentemente da conotação atual, na linguagem stilnovista tem o sentido de *nobre*. O sábio a que se refere Dante é Guido Guinizzelli, o autor que pela primeira vez anuncia o princípio da identificação entre “amor” e “coração gentil”, no poema-manifesto do *Dolce Stil Novo*.

Este, como se sabe, é um movimento que herda seus temas da lírica provençal do amor cortês, a qual, por uma atitude conceitualmente inédita, já havia identificado *tout court* a nobreza com a capacidade de amar. Nessa “operação”, a nobreza passava a se identificar com a probidade dos costumes, e o amor com o amor fino, o amor que se alimenta da espera demorada, dolorida e paciente, mais que da sua completa realização. Citamos, como exemplo, apenas uns poucos versos do grande Bernart de Ventadorn, em que tal teoria transparece claramente:

*Ja Deus no.m don aquel poder
que d'amor no.m prenda talans.
Si ja re no.n sabiáver,
mas chascun jorn me'n vengues maus,
totz tems n'aurai bo cor sivaus;
e n'ai mout mais de jauzimen,
car n'ai bo cor, e m'i aten.*

Não desejo que Deus me conceda o poder de resistir à causa amorosa. Con quanto soubesse que [com amor] nada conseguiria, senão que todos os dias me sobreviessem desventuras, o coração todavia permaneceria nobre; e se me transporta um júbilo incontido, é porque meu coração é leal e nele persevero.

(Trad. de Segismundo Spina. 1966, p. 137.)

A assimilação dos temas provençais por parte dos poetas do *Dolce Stil Novo*, que se formam na vida comunal do século seguinte, obviamente não podia dar-se sem modificações significativas. Erich Auerbach, em suas observações sobre a poesia juvenil de Dante, ao apontar essas modificações evidencia o caráter de ascese espiritual que assume a nova escola poética:

O gosto pela vida dos provençais, livre e ingênuo apesar de toda a sutileza formal, converteu-se [nos poetas do *Dolce Stil Novo*] em confissão, em um *ethos* de princípios austeros e de deveres rigorosos; a educação do sentimento e da mente que era natural em Bernardo [Ventadorn], porque a recebeu do país e do ambiente em que nasceu, e era suficiente que a ela se acrescentasse uma feliz disposição natural, Guinizzelli teve de conquistá-la fundamentalmente com auto-disciplina, e tal educação foi tudo para ele. Nele, não atua mais o vínculo social dos provençais; a comunidade do coração gentil é uma aristocracia do espírito, de um espírito que, desta vez, possui sem possibilidade de equívoco determinados conteúdos e regulamentos secretos. (1985, p. 25.)

Sobre o caráter peculiar da concepção do amor como manifestação de nobreza, própria da lírica provençal, existe uma ampla literatura crítica, e, a nosso ver, as sugestões mais interessantes de interpretação se encontram naqueles autores que têm procurado entender o fenômeno do amor cortês no contexto das profundas transformações sociais que marcaram a época do seu

surgimento, tais como, para citar os mais importantes, Georges Duby e R. Howard Bloch, que, por sua vez, segue as pistas interpretativas de Marc Bloch e Erich Koehler. Mas, certamente, é sobretudo mediante a leitura das próprias líricas e do famoso tratado de André Le Chapelain, o *De amore* (do séc. XII), em que aparece organicamente sistematizada a teoria do amor cortês, que é possível captar diretamente os elementos originais deste último que o diferenciam do amor stilnovista.

O que, com efeito, numa primeira leitura desses textos, salta aos olhos como motivo que diferencia a lírica provençal da stilnovista é a relevância do “mérito” como pressuposto para a conquista do amor. O pressuposto do mérito, mesmo que este não decorra mais do privilégio da estirpe mas das qualidades pessoais, constitui a lógica do tratado de André e perpassa toda a lírica provençal, manifestando, dessa forma, a persistência, nesta expressão poética, dos laços feudais de vassalagem, ainda que estreitados sob novas formas, em virtude das profundas transformações sociais ocorridas na França do séc. XII.

Veja-se, a título de exemplo, entre os diálogos dos vários representantes das diferentes condições sociais que animam o tratado de André Le Chapelain, o agradecimento de um jovem à mulher que acabou de reconhecer-lhe o direito a aspirar ao seu amor:

Agradeço-lhe muitíssimo por ter-me prometido com tamanha cautela o seu amor caso eu mereça ganhá-lo com muitos esforços. Não ocorra nunca que eu ou outros possam ganhar o amor de uma mulher tão nobre sem tê-lo conquistado com muitas dificuldades, pois seria impensável que uma mulher tão sábia concedesse de imediato o seu amor para alguém ou deixasse sem recompensa os esforços de um homem honesto. Seria contra o princípio da lógica se os benefícios não compensassem devidamente quem os prestou. (Cappellano, 1996, p. 27-28.)

Tal pressuposto desaparece na lírica stilnovista, em que o amor é tão-somente expressão de nobreza moral e se absolutiza como expressão de verdadeira vida, ou, por ausência, de morte. Desse modo, os personagens históricos do mundo cortês, como já foi dito, deixam a cena a individualidades líricas, que vivem numa atmosfera rarefeita de experiências íntimas. Unicamente na alta reivindicação de uma nobreza do coração, e do saber fazer artístico, se estreitam os laços desse círculo poético que, na complacência de sua superioridade, procura se diferenciar, por um lado, da antiga e prepotente classe aristocrática feudal, e, por outro, da nova e ignorante classe dos mercadores enriquecidos.

Assim, não é de admirar que ao encerrar uma das suas mais belas canções, *Donne ch'avete intelletto d'amore*, enviando-a, como era costume, a seus destinatários, Dante especifique serem eles apenas mulheres e homens corteses, nobres, e não gente vil:

*Canzone, io so che tu girai parlando
a donne assai, quand'io t'ho allevata
per figliuola d'Amor giovane e piana,
che là 've giugni tu dichi pregando:
"Insegnatemi gir, ch'io son mandata
a quella di cui laude so'adornata".
E se non vuoli andar sì come vana,
non restare ove sia gente villana:
ingegnati, se puoi, d'esser palese
solo con donne o con omo cortese,
che ti merranno là per via tostana.*

Imagino, canção, que muito cantes
e a muitas damas, quando terminada.
Assim, comando – pois foste criada
como filha do Amor, pura e criança –
que onde chegares digas, suplicante:
“Mostrai meu rumo, que fui consagrada
àquela em cujo brilho estou adornada”.
E para não andar sem segurança,
à gente vil recusa confiança.
Mostra franqueza só quando estiveres
entre corteses homens e mulheres,
que eles te ajudarão sem mais tardança.
(Trad. de Jorge Wanderley. Alighieri, 1996, p. 269.)

Não é o caso de tratar, nesta breve apresentação, das diferentes qualidades poéticas dos vários componentes do *Dolce Stil Novo*, nem mesmo das diferenças teóricas que distinguem, por exemplo, a poética do averroísta Guido Cavalcanti e a do católico mais ortodoxo Dante, que, entretanto, ao dizer do grande estudioso italiano de filosofia medieval, Bruno Nardi, nesta fase de sua produção artística, não sai imune da influência do amigo. O que, nesta sucinta exposição do tema, é importante ressaltar é o fato de que o próprio Dante reconhecerá os limites da sua juvenil concepção de nobreza em dois momentos distintos do seu itinerário teórico: na discussão pontual desse tema no *Convívio*,

e na própria estruturação e criação fantástica da *Divina comédia*, em que se expressa artisticamente uma nova e vigorosa concepção ideológica.

É no belíssimo tratado IV do *Convívio*, a obra inacabada em que Dante pretendia expor a “ciência” conquistada nos anos de intenso estudo das obras dos clássicos e da bibliografia científica e filosófica disponíveis na época, que, de fato, se encontra uma exposição sistemática acerca da concepção de nobreza. E, ao enfrentar esse tema, Dante, que já experimentou as tristes consequências das ferozes lutas políticas entre as facções que dividiam a sua cidade, faz questão de enunciar desde logo a mudança de postura teórica em relação às líricas da juventude. Na canção que precede a argumentação discursiva, segundo os moldes de construção dessa obra que faz da argumentação teórica um comentário às canções que abrem cada tratado, ele diz:

*Le dolci rime d'amor ch'i' solia
cercar ne' miei pensieri,
convien ch'io lasci; [...]]
E poi che tempo mi par d'aspettare,
diporrò giù lo mio soave stile, ch'io ho tenuto nel trattar d'amore;
e dirò del valore,
per lo quale veramente omo è gentile,
con rima aspr'e sottile;
riprovando 'l giudicio falso e vile
di quei che voglion che di gentilezza
sia principio ricchezza.*

As doces rimas de amor que eu buscava
achar nos pensamentos,
devo deixar; [...]]
E porque tenho muito que esperar,
deponho aqui o meu suave estilo,
que cultivei no meu cantar de amor;
e direi do valor
que ao homem dá de ser varão gentil
em áspera e sutil
rima que afasta o julgamento vil
dos que desejam ver na gentileza
sinal só de riqueza.

(Trad. de Jorge Wanderley. Alighieri, 1996, p. 138-139.)

E, com efeito, neste momento desencantado da reflexão do poeta, a nobreza não se identifica mais simplesmente com o amor delicado para com a mulher angelical da criação stilnovista, mas será definida conceitualmente com um novo rigor, através de uma refutação veemente das opiniões correntes e com o auxílio dos princípios da filosofia e da teologia a respeito da constituição da alma humana. Para isso, não servem mais as doces rimas de antigamente, mas só as ásperas e sutis. E, de imediato, salta aos olhos o tom apaixonadamente político que denuncia a urgência da solução prática do problema, posto pelas sangrentas lutas comunais:

Dentre os erros, um principalmente eu recriminava, o qual, porque não somente é prejudicial e perigoso àqueles que nele estão, mas ainda aos outros que o censuram, afasto-me deles e os condeno. Este é o erro da bondade humana, enquanto em nós foi semeado pela natureza e que se deve chamar de *Nobreza*; que por mau costume e por pouca inteligência estava tão fortalecido, que a opinião de quase todos, por isso, estava falseada; e da falsa opinião nasciam os falsos juízos e dos falsos juízos nasciam as referências injustas e as humilhações; pelo que, os bons eram tidos em vil despeito e os maus, honrados e exaltados. Isto era no mundo péssima confusão; como pode ver quem considerar sutilmente aquilo que daí se poderia seguir.

(Trad. do Padre Vicente Pedroso. s.d., v. 9, p. 14-15.)

As opiniões correntes sobre a concepção de nobreza que Dante quer refutar são duas: a primeira, atribuída ao imperador Frederico II da Suábia, que teria definido a nobreza como “riqueza antiga e belos costumes”; a segunda, da grande maioria, pela qual alguém era nobre se “de progênie há muito tempo rica”. Mas contra esta segunda, que omitiu a segunda parte da definição do imperador, Dante diz explicitamente, no estilo rude que costuma assumir quando deve expressar todo o seu desprezo, que não quer gastar minimamente seu tempo, porque os que a propalam simplesmente “latem”. E toda a argumentação do poeta, que visa, então, a refutar apenas a opinião de Frederico II, deve antes justificar a possibilidade de divergência da autoridade imperial, uma vez que esta, de acordo com seus convencimentos políticos, é derivada diretamente de Deus. A possibilidade de tal divergência reside, no raciocínio de Dante, no fato de a nobreza não pertencer à esfera das operações humanas submetidas à direção política da autoridade imperial, mas à própria esfera natural, regulada diretamente por Deus. Nobreza, para o grande poeta cristão, que para funda-

mentar sua definição recorre à teoria aristotélica sobre a geração da alma humana, passa a ser “semente de felicidade que Deus coloca na alma bem disposta” e é reconhecida unicamente pelos seus efeitos, que são as virtudes morais:

Finalmente conclui [Guido Guinizzelli, na canção *O amor sempre se refugia num coração gentil*], e diz que, por aquilo que já se afirmou, isto é, que as Virtudes são fruto da Nobreza e que Deus a deposita na alma que está bem preparada, que *a alguns* (isto é, aos que têm intelecto, e são poucos) é dada a *semente da felicidade*. E claro é que a Nobreza humana, outra coisa não é senão *semente de felicidade que Deus coloca na alma bem disposta*, isto é, cujo corpo em todas as suas partes está perfeitamente disposto. Porque se as virtudes são fruto da Nobreza, e a felicidade é docura adquirida, é claro que essa Nobreza é *semente de felicidade*, como já se disse.

(Trad. do Padre Vicente Pedroso. s.d., v. 9, p. 94.)

Nesta fundação da desigualdade humana na individualidade da alma, para a qual concorrem, ao mesmo tempo, fatores naturais, humanos e divinos, reside a base teórica fundamental que nega a antiga ordem feudal baseada na hierarquização dos estados.

A carga revolucionária de tal impostação pode ser verificada, por um lado, na comparação com obras anteriores, como, por exemplo, o já mencionado *De amore*, e por outro, na nova figuração artística da *Divina comédia*. E, com efeito, se as argumentações de André Le Chapelain em favor da nobreza derivada dos bons costumes e não simplesmente da estirpe, aparentemente, são as mesmas de Dante – a única origem de todos os homens, a superioridade da virtude –, de todo diferente é o humo que as nutre. Na obra do teórico do amor cortês a defesa da nova nobreza não chega a negar a de sangue, mas pressupõe a incorporação da primeira na segunda, na admissão de uma coexistência possível em virtude do alargamento da ordem social existente. Assim, por exemplo, no *De amore* o capelão argumenta a respeito da conveniência de um plebeu aspirar ao amor de uma mulher mais nobre:

Por que, então, uma mulher mais nobre não deveria conceder o seu amor a um plebeu se o achar extremamente cortês e atencioso? Respondo: se nos graus superiores se encontrar alguém mais digno ou igualmente digno, o amor deste deve ser preferido

ao do plebeu; se, no entanto, naqueles graus de nobreza não houver ninguém, o plebeu não deve ser recusado. Sua fidelidade, contudo, deve ser submetida a infinitas provas antes que mereça obter a esperança do amor, porque se sabe que o que vai além da natureza de cada um geralmente dura pouco e desaparece ao menor sopro. (Cappellano, 1996, p. 36.)

Na obra de Dante, que participa das lutas da burguesia comunal contra as pretensões da antiga aristocracia feudal, a oposição assume, como se pode verificar até no breve trecho do *Convívio* acima citado, um caráter de negação violenta. Da mesma forma, o momento tangível da relação pessoal senhor–vassalo que, como mencionei, subjaz à teorização do amor cortês como relação entre mérito e prêmio, na estruturação do poema épico de Dante se transforma naquele tão mais abstrato e difícil da relação entre os homens e Deus, no interior de uma ordem que rege o universo inteiro, passível de ser vislumbrada apenas com uma aventura tão excepcional como a da personagem da *Divina comédia*:

*Oh abbondante grazia ond'io presunsi
ficcar lo viso per la luce eterna,
tanto che la veduta vi consunsi!*

*Nel suo profondo vidi che s'interna
legato con amore in un volume,
ciò che per l'universo si squaderna;*

*sustanze e accidenti e lor costume,
quasi conflati insieme, per tal modo
che ciò ch'i' dico è un semplice lume.*

Ó plenitude de graça, com que ousei aprofundar tanto na luz eterna que se me consumiu a vista; Abismado nela, soube como se concentra num foco aceso pelo amor toda a luz espalhada pelo universo, as substâncias, os acidentes, as propriedades, tudo junto de tal maneira que o que eu digo não passa de débil vislumbre.

(Trad. de Aldo della Ninna. s.d., v. 6, p. 556-557.)

Na admissão de tal ordem – não apenas contemplada por Dante na visão direta de Deus no fim da sua viagem no mundo do além, mas operante, de fato,

na concreta e precisa configuração física e moral do Universo representado no *poema sacro* – enraíza-se seu conceito de nobreza, ou seja, do valor humano, que o poeta quer contrapor ao estreito particularismo das classes comunais, o qual, na singular interpretação histórica deste poeta, era a principal causa das lutas ferozes de sua época, afastando a humanidade de seu destino divino.

Na *Divina comédia*, então, os retratos das figuras nobres da época, como, por exemplo, o de Francesca da Rimini, de Farinata degli Uberti, assim como os dos grandes fautores da ordem divina nesta terra, quer sejam homens da Igreja, príncipes, quer homens de ação, grandes pensadores ou artistas, nos fornecem indicações concretas sobre a particular concepção de nobreza de Dante, que faz desta noção a própria defesa da dignidade humana, diante do perigo iminente da sua degradação. E toda a obra não é senão a tentativa de resgate dessa dignidade.

A singularidade do percurso de Dante é comprovada pelo próprio curso da história que, de imediato, se incumbe de desmentir os anseios desse solitário profeta. Não muitos anos depois da morte de Dante, quando o debate sobre o conceito de nobreza se torna novamente importante para consolidar o poder das novas classes burguesas, o jurista perusino Bartolo da Sassoferato transfere a discussão acerca da nobreza do campo filosófico-moral, no qual a havia mantido Dante, para a esfera totalmente jurídica das relações de poder existentes. Para ele, “é nobre perante Deus aquele que Ele, por sua graça, o torna a si grato, assim como é nobre na nossa vida pública aquele que o Príncipe, por sua graça ou por lei, o torna a si grato ou nobre” (*apud* Donati, 1995, p. 4). E desta premissa deriva a tão famosa definição de nobreza política que diz ser ela “uma qualidade atribuída por quem é superior, em virtude da qual um indivíduo se manifesta bem aceito acima dos plebeus honrados.” (*apud* Donati, 1995, p. 4)

Procurar entender a concreta determinação do conceito de nobreza de Dante, parece, então, ser um caminho fértil para enfocar sob um princípio unificador vários aspectos da obra de Dante, compreender as questões em seus desdobramentos teóricos e históricos, e procurar entender a singularidade ideológica e artística deste autor que, ao ver concluir-se uma época histórica, se opõe, no entanto, aos rumos da nova.

RESUMO

Neste artigo procura-se mostrar a centralidade do conceito de nobreza no pensamento e na obra de Dante, e dão-se indicações de como, em tal concepção, se verifica uma mudança essencial da categoria feudal do “mérito” que, presente na lírica provençal como fundamento da relação pessoal senhor-vassalo, na doutrina de Dante se objetiva na mais abstrata e universal relação de harmonia entre os homens e Deus. Vê-se, então, como na definição progressiva de um novo conceito de nobreza – subjacente às expressões poéticas dos diferentes momentos de sua vida – Dante, por um lado, expressa sua decidida oposição ao mundo feudal em defesa dos novos valores que regem as relações sociais surgidas nas Comunas, e, por outro, dá a conhecer sua profunda aversão à crescente consolidação mercantil dessas mesmas relações.

Palavras-chave: *Dante, André Le Chapelain, amor cortês.*

SOMMARIO

In questo articolo si vuole mettere in evidenza l'importanza del concetto di nobiltà nel pensiero e nell'opera di Dante, e si danno indicazioni di come, in tale concezione, si verifichi un cambiamento essenziale della categoria feudale del “merito” che, presente nella lirica provenzale come fondamento del rapporto signore-vassallo, nella dottrina dantesca si oggettiva nel più astratto e universale rapporto tra gli uomini e Dio. Così, si rileva come, nella definizione progressiva di un nuovo concetto di nobiltà – che soggiace alle espressioni poetiche dei diversi momenti della sua vita – Dante, da una parte, esprima la sua ferma opposizione al mondo feudale in difesa dei nuovi valori che si impongono nella società comunale, da un'altra, manifesti la sua profonda avversione al consolidamento mercantilistico di tale società.

Palore-chiave: *Dante, André Le Chapelain, amore cortese.*

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *Lírica*. Tradução, introdução e notas de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- _____. *Obras completas*. Estudo introdutório de Mons. Joaquim Pinto de Campos. 10 v. São Paulo: Editora das Américas, s.d.

- _____. *Tutte le opere*. Organizador Fredi Chiappelli. Milão: Mursia, 1965.
- _____. Vida nova. Tradução de Décio Pignatari. In: *Retrato do amor quando jovem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- AUERBACH, Erich. *Studi su Dante*. Tradução do alemão de Maria Luisa De Pieri Bonino; do inglês de Dante Della Terza. Milão: Feltrinelli, 1985.
- BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Tradução de Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- CAPPELLANO, Andrea (André Le Chapelain). *De amore*. Tradução de Jolanda Insana, com um estudo de D'Arco Silvio Avalle. Milão: SE, 1996.
- DONATI, Claudio. *L'idea di nobiltà in Italia: secoli XIV-XVIII*. Roma-Bari: Laterza, 1995.
- DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens*: do amor e outros ensaios. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- NARDI, Bruno. *Saggi di filosofia dantesca*. Florença: La Nuova Italia, 1967.
- SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1966.